

# MEMORIAL DA FREGUESIA DE

Por  
Alves Silva

# Belas

UM POUCO DA HISTÓRIA DE PORTUGAL  
PODE SER CONTADA NESTA LOCALIDADE

A ermida de Sta. Marta, uma jóia do século XVII, cuja história já foi contada nestas colunas, está reconstruída em Casal de Cambra, muito perto da Amadora.



**H**á alguns anos atrás a

velhíssima freguesia de Belas, hoje bem diferente, era uma localidade bonita, cercada de ameias e torres, edificadas por gente nobre, de várias raças. O povoamento humano é muito antigo, face às privilegiadas condições naturais a atraírem gentes de diversas proveniências, cujos vestígios, das várias épocas, comprovam a passagem de uns e a fixação de outros.

A referência da via romana, a represa da mesma época na Ribeira de Carenque, construída entre os séculos III/IV d.C. A própria Quinta da Fonte Santa. O aqueduto romano, com papel importante no abastecimento de água à Olisipo (Lisboa), cujo traçado viria, mais tarde, a ser aproveitado para a mesma finalidade através do Aqueduto das Águas Livres (século XVIII).

Os vestígios deixados no solo pelos dinossauros, visíveis na pedreira de Santa Luzia, em Pego Longo, a remontarem a épocas mais recuadas (90 milhões de anos). As Minas de Suímo exploradas pelos romanos. As importantes estações arqueológicas a remontarem ao Paleolítico Médio, mas também ao Megalítico.

O Monte Abraão, local com três monumentos funerários, cuja idade pode ser situada entre os 3.500 a 2.500 anos a.C. As Antas da Estria, Senhor da Serra e do Monte Abraão, bem como as de Pego Longo. Indícios do Bronze/Final/Ferro Inicial, a remeterem-nos para épocas muito distantes dos nossos dias.

Dos seus veios de água, ribeiras de Carenque, Jarnor e Jarदा, ninguém sabe a idade, cujas nascentes na Serra da Carregueira alimentavam os campos agrícolas, dali saía o trigo mourisco, conhecido por Durazio. Os ricos homens, os quais nada mais tinham para fazer, senão passear,

dormir, comer do bom e do melhor e caçar.

(A localidade, para além das boas águas e ares limpos, era uma das melhores zonas de caça do país). Por outro lado, ao menor sintoma de doenças e pestes, a corte deixava a capital, partindo para outras localidades das redondezas, para evitar os contágios epidémicos, em especial a cólera, a variola e a febre-amarela. A localidade não tinha grandes altitudes, apenas o sítio do Suímo com 291m, para além de outras pequenas elevações.

Estas as razões de ser levantado em Belas o paço, para residência temporária dos soberanos, no qual eram realizados grandes saraus. Nele se falava de aventuras amorosas, de guerras, de negócios, de religião e de caçadas, tornando-se uma estância de descanso e recreio de gente que rodeava habitualmente os soberanos. D. Pedro I e D. Inês de Castro foram dos primeiros a conhecer estes sítios. Pelo palácio e quinta circulava gente da nobreza, em especial nos momentos especiais da cerimónia palaciana do beija-mão aos soberanos.

Pelos caminhos por onde passavam estes cortejos vindos da capital, (a repetirem-se pela Porcalhota - lugar de Belas 1895/1898 - Queluz, Pendão, locais de paragem para descanso dos séquitos reais) o povo das redondezas abeirava-se, logo que ouvia as trombetas, para os ver passar

normalmente com tambores a pé e trombeteiros a cavalo, num trajeto que demorava algumas horas e exigia a muda de cavalos em vários sítios do percurso. Não faltavam os brasões dos duques, condes e viscondes, de barões e baronesas. Por vezes, marchas intermináveis de fidalgos, mas também muita gente do clero, porque algumas destas terras pertenciam a mosteiros de Lisboa. Também inquisidores vinham prestar as suas homenagens à corte, altura em que os despachos eram mesmo feitos no palácio de Belas, outras vezes para acompanhar os monarcas nas missas solenes realizadas na igreja de Santa Maria, hoje designada Nossa Senhora da Misericórdia de Belas. Eram dias de grande azáfama na localidade, com o povo miúdo, a gente saloia, a espreitar de longe semelhante rebuliço, com el-rei seguido da sua corte, juiz e vereadores, com clarins e bombos atrojando os ares. Nestes dias de missa a igreja engrinaldava-se e o templo tornava-se pequeno para tanta gente, onde primeiro entrava a fidalguia e raramente o povo miúdo tinha lugar no culto. El-rei e a corte ocupavam lugares destacados junto ao altar-mor, ou no coro, sempre acompanhados por arceiros e esquadroes da guarda, camaristas, confessores, frades e corregedores.

## TUDO COMEÇOU Á VOLTA DA IGREJA E DO PALÁCIO

A Igreja, à volta da qual se formou o núcleo histórico, já é documentalmente citada nas Inquirições de D. Afonso III, "Ecclesia Sancte Marie de Bellis". No tempo de D. Dinis, este monarca vende terras na Carregueira, Suímo, e Belas, por 900 marcos lavrados. Belas terá sido repovoada depois da tomada de Lisboa e do castelo de Sintra aos mouros, altura em que a sua área geográfica já estaria definida.

A palavra Belas tem vindo a ser citada em lendas, como resultante de duas irmãs muito bonitas ali residentes, mas o topónimo deve ter origem nas "belas" e límpidas águas de nascentes ali existentes, tendo, como parece, caído o vocábulo águas e perdurado o de belas.

## AS PEDRAS PRECIOSAS DE BELAS

Em 1914, o geólogo, Paul Choffat, nas "Comunicações do Serviço Geológico de Portugal", deu à estampa um valioso estudo respeitante "Les mines de grenats du Suímo", reportado à época romana em Portugal. Aqui se verifica a antiguidade desta minas, mas outros escritores, fizeram referência aos "carbúnculos do barro torrado pelo sol" cuja extração era próxima de Belas.

"A localização dos carbúnculos ou a aproximação das pedras conhecidas pelos romanos como os jacintos de Belas, apontados em 1563 por Garcia da Orta, não se verificou logo; ainda em 1790 o espanhol Masdeu parecia ignorar esse factor."

"Luís Marinho de Azevedo é o primeiro a localizar as pedras de Boccho, Plínio, Mela e Solino em Belas, na obra publicada em 1652". Pouco se sabe quanto ao primitivo proprietário das minas. A verdade é que estavam em 1499 na posse da infanta D. Beatriz, filha do infante D. João, que recebeu, em 1441, a lavra das minas de pedras preciosas dum parte do reino.

A infanta fez doação das minas de Belas a Rodrigo Afonso ... escritores posteriores referem que a infanta legou essas terras a seu filho, o rei D. Manuel, mas não existem certezas.

Está, isso sim, devidamente documentada a exploração das minas de Belas durante a Idade Média, falando-se em pedras yagonças de belas almandinas, a par de safiras, rubis, esmeraldas e jacintos. Mais tarde, a importação de pedras preciosas do Oriente, logo após os descobrimentos, fizeram decair a exploração da mina de Suímo. Existiam outros minerais como o ferro, na Carrasqueira, Barrocão e Mata de Cima. Ferro e carvão no Casal do Rolinha; chumbo na Quinta dos Loios; carvões e petróleo e outros hidrocarbonetos no Grajal; amianto na Quinta Grande de Meleças.

## NO SÉCULO XVIII

Uma descrição da Corografia Portuguesa apresenta Belas, no século XVIII, como sendo senhores desta vila os condes de Pombeiro, onde possuem o seu palácio com uma grande

quinta toda murada, com muitas fontes, sendo cercada de muros e torres, correndo à ilharga da propriedade uma fresquíssima ribeira. Nesta altura a localidade tinha 90 vizinhos, com igreja paroquial de invocação a nossa Senhora da Misericórdia.

O palácio, muito antigo, chegou a albergar o rei D. Pedro I e outros monarcas e, ainda hoje está de pé, depois de através dos séculos, ter sofrido vários restauros.

Quando à igreja, desconhecemos a data da sua fundação, mas deve ter sido erguida depois da nacionalidade, ou seja depois da tomada de Lisboa e de Sintra aos mouros, embora dela já nada exista, pois foram muitas as transformações ali levadas a efeito através dos séculos.

A porta, de arquitectura manuelina, apresenta elementos decorativos de épocas posteriores à nacionalidade. O interior tem só uma nave e as paredes estão revestidas de azulejos do século dezasseis. O portal manuelino está hoje classificado como monumento nacional.

Pertenceu às freiras da Conceição de Beja, com um bom rendimento no século XVIII. O púlpito é do século XVII. Quanto às freiras de Beja, com muitas propriedades por estes sítios, a localidade de A-da-Beja, teria ido buscar o nome a esta circunstância. Este lugar passou a integrar, a partir de 1979, o território da Amadora.

O centro histórico de Belas teve início com estes dois edifícios medievais, a Igreja e o Paço. A partir daqui outras construções palacianas foram dando corpo ao burgo, com casario, mansões e morgadãos, aparecendo depois as casas de habitação, na sua maioria, dos séculos XIX e XX.

O carneiro funerário dos Morgados de Belas está na Igreja do Rosário, em São Domingos de Benfica.

Nessa altura, século XVIII, Belas era governada por um juiz, também dos órfãos, vereadores, um procurador, escrivão de câmara, um procurador judicial, inspector de crimes, pesos e medidas (almotacel), um alcaide (governador de castelo e da justiça), soldados e corpo de tropas (ordenanças). Tinha então trezentos vizinhos, divididos pelos seguintes lugares: Idanha; Carapeniques, esta com uma ermida a Santo António; Suímo; Quinta do Molha Pão; onde viviam alguns nobres e com uma ermida, pertencente a Bartolomeu Quisel, que era desembargador da Fazenda; a Quinta do Bom Jardim, com uma

Este chafariz "matou" e continua a "matar" a sede a muitos residentes na Idanha/Belas...

(Continua na página seguinte)





Aquela casa com duas portas abertas têm adorado a boca a muita gente, nem mais nem menos, os "Fotos de Belas".

(Continuação da página anterior)

ermida dedicada ao Bom Jesus, imagem muito venerada e com grandes tradições, pertencente a Tomás de Sousa, conde de Redondo. Esta quinta esteve, em 1587, nas mãos de D. Jorge de Meneses, que a havia comprado à família Póvoas; Carregueira de cuja serra tomou o nome; existiam ainda muitos casais pertencentes ao Conde de Pombeiro; também os lugares de Ribeira de Vale de Lobos; Meleças; Colares, com duas quintas, uma de Brito de Meneses, outra de Pedro da Maia; Ribeira da Jarra, com uma quinta e uma ermida, pertencente aos cônegos seculares de São João Evangelista: Aigualva, com seis quintas e uma ermida a Nossa Senhora da Consolação, muito venerada; Massamá (topónimo árabe, de Maçma) com uma quinta chamada Tascoa, com uma capela, pertencente a José de Saldanha; Queluz, com uma grande quinta, que pertenceu aos marqueses de Figueira Rodrigo.

Ponte Pedrinha, cuja quinta pertencia a Lourenço de Sotto Mayor, com uma ermida anexa. Ribeira de Carenque, com muitas quintas, nos dias de hoje pertencentes ao território da Amadora; Ribeira da Água Livre, sendo em quase a sua totalidade dos cônegos Regrantes de Santo Agostinho do Convento de São Vicente de Fora, em Lisboa, com uma ermida a São Mamede, a respeito da qual falaremos mais adiante, com grande romaria e feira no dia da festa; O lugar de Camera, com sete casais, com uma ermida a Santa Marta, pertencente aos Gameiros e depois passou ao padre Manuel Monteiro. Esta é a actual freguesia de Casal de Cambra, local a remontar a tempos recuados, tratava-se de uma quintã (quinta grande), cujas terras pertenciam, no século XV, à donatária de Belas, a infanta D. Beatriz, mãe de D. Manuel I, depois doadas a Rodrigo de Atouguia (13 de Agosto de 1499). Já no século XVI, as terras de Camera passaram para a Casa das Rainhas (para sustento destas quando ficassem viúvas), altura em que tomaram o nome de Camera, de Camera Regionalis. Em documentos da época, Casal de Cambra aparece designado por Quintã da Camera. O primeiro assento de baptismo, respeitante a este casal, remonta 12 de Março de 1568 e o primeiro casamento, com data de 16 de Outubro de 1583, de nome Salvador Glz, filho de António Glz e de Anna Frz. Em 1587 faleceu ali Pero Fernandes, a 9 de Janeiro, conforme reza o registo da freguesia de Belas.

O lugar de Dabeja, era assim que se escrevia, de que resultou A-da-Beja, nome este de influência árabe, tinha

uma boa quinta e vários casais anexos; Villachã (hoje Vila Chã), com o vocábulo arcaico "chá" (agora no território amadorente); Casal de São Brás (anexado ao concelho da Amadora) no qual nasciam águas puríssimas; Mira, com dois casais (igualmente integrados no território da Amadora). Referências estas reportadas ao século XVIII (1758), quando Belas tinha uma população de 275 pessoas e 450 casas. Nesta altura já incluía São Marcos, Quinta da Barroca, Ribeira da Jarra, Massamá, Suímo, Venda Seca, Carapenique e Aigualva. Neste século, as boas e várias nascentes de água aqui existentes foram aproveitadas para o Aqueduto das Águas Livres.

## UMA RONDA AOS SÉCULOS ANTERIORES

No reinado de D. Manuel, foi senhora da vila de Belas, a mãe deste monarca, de seu nome D. Brites, que teve um criado com o nome de Rodrigo Afonso de Atouguia, a quem cedeu todas as terras abertas e por abrir, com pensão anual de quarenta mil réis às freiras da Conceição de Beja, a quem deixou também o padroado da igreja. Deste Rodrigo de Atouguia descendiam os mais senhores desta vila, de que ele foi o primeiro senhor, bem como a dita D. Brites, a quem reservou para seu filho D. Manuel, apenas as minas de Suímo.

Quanto ao palácio, as suas janelas são de estilo manuelino, a atestar as obras ali realizadas no século XVI.

## O PALÁCIO OU QUINTA DOS SENHORES DE BELAS

De grande requinte, este palácio e a grande quinta, pertencia em 1318 a Gonçalo Annes Correia, que, por sua morte, fez dele doação às comendadeiras de Santos (Lisboa), mais tarde estas comendadeiras trocaram todo este espaço por outro pertencente a Lopo Fernandes Pacheco, no tempo de D. Afonso IV, cujo filho, Diogo Lopes Pacheco foi um dos assassinos de Inês de Castro, o qual teria fugido para Castela logo que D. Pedro I subiu ao trono. Por isso, este rei confiscou-lhe todos os bens ficando o palácio de Belas propriedade real. Era aqui que

D. Pedro I passava muito do seu tempo, mandando melhorar, no século XIV, o sumptuoso palácio. No entanto, seu filho, D. Fernando, havia de restituir todas as terras a Diogo Lopes, incluindo as de Belas, mas por pouco tempo, pois este fidalgo tomou o partido de Castela e, por isso, foram-lhe de novo confiscados os bens, os quais, já no tempo de D. João I, passaram a Gonçalo Pires Malafaia, de entre esse património também a quinta de Belas. Por morte deste Gonçalo Malafaia, o referido rei D. João I, casou a quinta aos herdeiros daquele para a dar a seu filho, o infante D. João. Com a morte, em 1442, do infante a quinta e senhorio de Belas passou para sua filha, a infanta D. Brites ou Beatriz que, em 1447, casa com seu primo, o infante D. Fernando, duque de Viseu, filho do rei D. Duarte, dos quais havia de nascer o rei D. Manuel. A partir daí a quinta passou para os Autóguas, por casamento de D. Maria da Silva, bisneta deste fidalgo com D. António de Castelo Branco, 12.º Senhor de Pombeiro, como nos diz Alberto Pimentel no "Portugal Pitoresco Ilustrado - 1908 - in Extremadura Portuguesa", cuja posse mantiveram até ao século XIX. Por casamento de



A Junta da Freguesia de Belas num edifício recuperado.

uma das herdeiras passa depois para os condes de Pombeiro.

A quinta tinha uma magnífica cascata, bem como uma estátua a Neptuno, do escultor Bernini (hoje no Palácio de Queluz), nascido em Nápoles, em 1598. Estes Pombeiros foram mais tarde marqueses de Belas, fizeram várias obras na quinta, cujo palácio foi melhorado e remodelado.

A quinta tem ao meio um obelisco de mármore, erguido sobre alguns degraus, com a figura da Fama e os

bustos do príncipe D. João (depois rei) e de Carlota Joaquina, cujo trabalho foi do escultor Joaquim José de Barros.

Foram encontrados no palácio vestígios da época Manuelina e do Renascimento, o que vem documentar a antiguidade da respectiva construção.

## SENHOR DA SERRA

Fazia-se ali uma grande festa ao Senhor Jesus da Serra, de cujo alto se gozava de um excelente panorama, muito frequentada por gente das redondezas, em particular dos lugares da actual Amadora, mas também muito concorrida por famílias de Lisboa. A capela já não existe, mas a imagem, toda em granito, estará guardada em boas mãos. Esta romaria era famosa e nos dias de festejos tudo servia para chegar ao santuário, altura em que pipas e pipas de vinho eram consumidas pelos romeiros, mas também leitões e produtos hortícolas da região, bem como queijo de Sintra. Ruas e caminhos, terreiros, dentro das tabernas, sempre muita gente a comemorar a festividade, desde o princípio da novena ao Senhor da Serra, cujo nome resulta de terem construído a capelinha no meio do mato lá no alto do monte.

"A festa do Senhor da Serra é de todas as romarias, dos arrabaldes de Lisboa, aquela em que as consciências menos se incomodam e mais lucram os estômagos...", como referia o Diário Ilustrado de 31 de Agosto de 1873.

Era uma capelinha muito pequena, mas bonita, quase escondida pelo arvoredor, ficando cheia com cerca de sessenta pessoas.

De construção barroca e o seu altar de mármore da escola de Machado

destes. Os fidalgos deram preferência a Mafra, não só para passarem o seu tempo de lazer, mas também para caçadas e reuniões de alto nível. Pelo menos D. João V, para além de estar perto dos frades (cuja proposta da construção do mosteiro se ficou a dever a um destes clérigos) gostava da vila de Mafra e ali se aconselhava com os representantes da igreja, seus confessores e da esposa, Maria Ana Josefa. Também o período instável resultante das invasões francesas provocaram algum abandono deste local, anos antes eleito para veraneio da corte.

A freguesia de Nossa Senhora da Misericórdia de Belas foi cabeça de concelho até 1855 e, em tempos mais recuados, como assinalámos, estava cercada de muralhas com torresões. Atravessada pela ribeira de Belas ou do Jamor, chegou a possuir dois hotéis, o Central e o Pascoal, que, no Verão, eram muito frequentados por hóspedes que, nesse tempo, preferiam o campo à praia. No século XIX, rasgado o caminho de ferro da linha de Sintra, levantada a estação Queluz/Belas, vai-se tornando um centro de comunicação e de fixação de residentes, conquanto de uma forma lenta.

Pelo Decreto de 18 de Julho de 1835, assinado por Passos Manuel, o concelho de Belas passou a compreender o lugar de Queluz, Adabeja, Camara (hoje Casal de Cambra), Carenque, Aigualva, Meleças e Tala.

Em 1836, com Rodrigo da Fonseca no governo, é nomeado administrador da câmara municipal de Belas, José Maria dos Anjos, que era natural de Barcelos, e, nessa altura, almoxarife do palácio de Queluz. Esse mesmo Rodrigo da Fonseca acabaria por extinguir, a 24 de Outubro de 1855, o concelho de Belas, passando a localidade para o concelho de Sintra.

Não se contentou com esta decisão a população de Belas e passado algum tempo (2 anos) submeteu à Assembleia Legislativa um requerimento para o restabelecimento do respectivo concelho. Disso se incumbiu o então deputado Sena Fernandes, mas sem resultado.

Como ainda não chegasse, a 13 de Janeiro de 1898, parte da freguesia de Belas foi desmembrada passando para a de Camaxide os lugares da actual Amadora, os quais estavam integrados em Belas desde 1895. A 29 de Junho de 1925, por determinação do Decreto 1790, é formada a freguesia de Queluz, saindo do território de Belas, com os lugares de Massamá Ponte Pedrinha, Pendão, Gargantã e Casal dos Afonsos.

Alguns anos depois fica também sem o lugar de Aigualva, que passa freguesia com a designação de Aigualva/Cacém, conforme lei de 1.º de Maio de 1953, no qual vão englobados os lugares de Aigualva, Jardá, Cacém de Baixo e os Casais d'Rocanes e Colaride.

Em 1979, deixam o território de Belas os lugares de Carenque Dabeja, Portela da Fonte Santa, o quais vão formar a freguesia da Min do novo concelho da Amadora; instituído nesse mesmo ano. Hoje

(Continua na página seguinte)

## CABEÇA DE CONCELHO

Construído o mosteiro de Mafra, e depois o palácio de Queluz, Belas foi perdendo influência a favor



(Continuação da página anterior)

estes lugares pertencem à freguesia de São Brás, do mesmo município amadorese, com exclusão de Careque que se manteve na freguesia da Mina, também da Amadora.

## MONTE ABRAÃO E O SEU DOLMÉN

Trata-se de um monumento funerário, do megalítico, tendo sido ali encontrados vários utensílios muito antigos que, segundo os arqueólogos, devem remontar a 3500 anos antes de Cristo, sendo um dos mais importantes da região de Lisboa.

## BELAS UM RETALHO DO MINHO

Camilo Castelo Branco classificou Belas como "um retalho do Minho".

Em 1894, foi construído em Belas um belo edifício escolar, designado pela Escola Francisco de Aboim, nome este do seu doador, que chegou a visconde de Idanha.

A fonte da Panasca, a Água Livre, a Fonte do Castanheiro, Alto dos Moirinhos e Bonjardim eram outras das quintas aqui existentes, considerando também a da Assunção, esta do século XIX, com azulejos da autoria de Ferreira das Tabuletas, pertenceu ao negociante de Lisboa, depois comendador, José Maria da Silva Rego e a sua irmã, Maria das Dores Rego Leão de Oliveira. O palacete, com mirantes e jardins, tem estado praticamente desabitado, foi comprado, em 2002, pelo município de

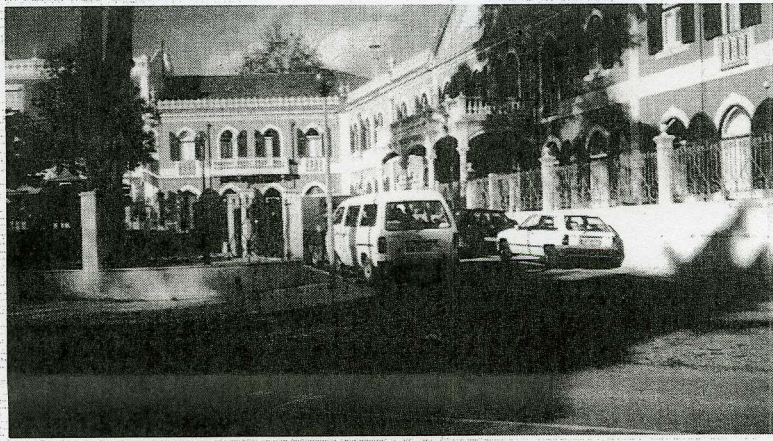


Setenta e sete anos tem esta colectividade de grandes tradições no movimento associativo Idanha/Belas.

Sintra, para fruição pública de cultura e lazer.

Pela Quinta da Água Férrea andou Francisco de Holanda, que foi proprietário de várias terras. Viria para as mãos da família Abecassis, já nos nossos dias, tendo sido remodelada em 1935, e disso se ocupou o arquitecto António Lino.

A quinta do armador e cônsul da Áustria-Hungria, Joahnes Vimmer,



Casa de Saúde Santa Rosa de Lima no centro histórico de Belas.

com chalé em madeira. A quinta da Espanhola, pertença da família Rafaela Gimens, com palácio e jardim. Quinta do conde de Vila Franca, com palácio e um bom jardim. Quinta Vila Adelaide, com palácio, jardim e excelente nascente de água (tendo pertencido à família de Manuel Vicente Nunes). Quinta da Samaritana, com vivenda, jardim, boa água de mesa, pertença da família Jacob Abecassis. Quinta de Molhapão, já atrás referida, do visconde de Alverca, com arrendamento a Armando Navarro. Quinta das Águas Livres, encostada ao aqueduto com o mesmo nome, pertence à família de Maria da Assunção Barros Lima, na qual foi construído um grande palácio e capela. Neste espaço está hoje aquartelada a Polícia de Segurança Pública (G.O.E). A capela esteve durante muito tempo praticamente abandonada sendo mais tarde reconstruída.

## A QUINTA DAS ÁGUAS LIVRES – UM POUCO DO SEU PASSADO

Trata-se de um espaço antiqüíssimo, de águas abundantes e puríssimas, daí terem sido procuradas no século XVI, nos reinados de D. Sebastião e de Filipe II, para serem levadas ao projectado aqueduto das Águas Livres, o que só dois séculos depois viria a acontecer. Tinha nesta altura cerca de 20 casas, pouco povoada. Eram seus proprietários os Cônegos de Santo Agostinho, conquanto cedida por estes por aprazamento para exploração agrícola.

As epidemias e outras doenças fizeram, por parte dos residentes, levantar ali uma ermida a São Mamede, cujas obras começaram a 29 de Julho de 1591 e, algum tempo depois, estavam prontas. A festa tinha lugar em Agosto e a romaria era muito concorrida.

Com as obras do Aqueduto das Águas Livres, já no século XVIII, a quinta sofre algumas alterações, altura em que é construída uma ponte sobre a ribeira e a entrada para a propriedade é feita junto a

essa ponte. A quinta passa por várias mãos, desde a família Biester (século XIX) ligada por casamento aos condes de Vivalva.

Referência para Carlos Maria Eugénio de Almeida, um rico que chegou a par do Reino. A moradia da quinta sofre nesta altura várias modificações, mas as obras seriam interrompidas depois de problemas familiares, onde não estariam arredados romances palacianos, como adultérios. A quinta cai num certo abandono e um grande incêndio, surgido nos anos trinta do século XX, deixa-a muito danificada, bem como a capela que ficou em ruínas. A quinta passa para as mãos de um cidadão inglês, George Norton, mas continua praticamente degradada. Entra então para a posse de Adolfo Vieira de Brito e, depois, é comprada por José Maria Duarte Júnior.

Em 1979, é propriedade da Polícia de Segurança Pública, onde fica colocado o Grupo de Operações Especiais daquela força policial.

Algumas peripécias para desalojar dali um senhor Chalaça e depois a restauração desta quinta e da velha capela de São Mamede, onde o patrono passou a ser São Miguel Arcanjo. A reconstrução do templo ficou concluída em 1988, o qual foi benziado pelo então cardeal patriarca de Lisboa, D. António Ribeiro, no dia 29 de Setembro daquele mesmo ano.

## OUTRAS QUINTAS

A quinta do Bonjardim pertenceu ao marquês de Borba. Na capela fazia-se todos os anos uma festa a Nossa Senhora da Conceição.

A Quinta da Fonteira, da família Pinto Basto, com palácio e capela construída por Raimundo Gregório

Ribeiro, no século XVIII, com a fonte do Castanheiro. A quinta do Grajal situava-se na Venda Seca, da família Serra, muito conhecida pela sua fonte da Água do Cedro.

## BELAS E IDANHA DE BRAÇO DADO

O centro histórico de Belas situa-se em boa parte em redor da igreja e do palácio, mas toda a localidade foi um manancial de importantes quintas e casas senhoriais. O lugar de Idanha possui agora várias acessibilidades rodoviárias e escolas primárias. Algumas quintas aqui existentes vão resistindo, como é o caso das da Rosa, da Oliveira e Figueirinha, Santo António, algumas delas a mostrarem o desgaste do tempo.

O chafariz, construído em 1955, foi de grande utilidade social, ainda hoje a servir quem não tem água canalizada.

O Grupo Bandolinista 22 de Maio, a remontar a 1925, tem prestado serviços relevantes na arte da música, tendo resultado de alguns "carolas", sentados à mesa de uma taberna, amantes do bandolim, foi o suficiente para nascer.

A Casa das Irmãs Hospitaleiras do Sagrado Coração de Jesus tem dado respostas na área da saúde.



Capela de Idanha/Belas erigida a Nossa Senhora da Conceição.

A capela é também um templo muito antigo, instituído a Nossa Senhora da Conceição.

## BELAS DOS NOSSOS DIAS

Conquanto algumas quintas ainda mantenham a sua traça primitiva, como é o caso da Escola Primária Francisco Aboim, Quinta do Preto, Vila Jacinta, com capela incorporada na moradia, a localidade está desde 1921, dotada da Casa de Saúde de Santa Rosa de Lima, edifício construído no início do século XIX, pelo comendador Faria. Um belo imóvel a compor o centro histórico da localidade.

Os velhos fofos, doçaria tradicional, são uma referência, mas tudo começou com o licor de tangerina e doce de marmelada.

A velha prisão, agora transformada em espaço multimédia, o adro da igreja remodelado em 1844, com intervenções ao longo dos anos.

Está dotada de uma moderna estação de correios e de meios de transporte a ligá-la a Lisboa e ao caminho de ferro de Queluz, para além de outras localidades das redondezas e praias da costa do Estoril. A economia dominante é a indústria, o comércio, o turismo desportivo e os Serviços, mas também alguma agricultura.

Possui Belas um bom quartel de bombeiros voluntários, com serviços relevantes prestados à população, criados por Eduardo Pinto Basto, cuja toponímia local perpetua o seu nome. Remontam a 15 de Julho de 1925. O actual quartel foi inaugurado a 20 de Maio de 1956. No seu interior um busto a Francisco Filipe, um dos homens dedicados à solidariedade, erguido em 1974. Em 24 de Novembro de 2002, foi erigido um monumento a estes soldados da paz, bem perto do seu aquartelamento.

A banda de música da Freguesia de Belas (1996) é outra das instituições a merecer um carinho muito especial, numa localidade onde a música tem grandes tradições. Aqui existiu a Academia Musical de Belas a remontar aos anos vinte do século findo (XX), altura em que também estava dotada com a Associação de Socorros Mútuos e com o Belas Clube que viria a ser o embrião do Sporting Clube de Portugal. A Academia Musical de Belas sucedeu à Real Fanfara, instituída em 1887.

O seu núcleo actual é constituído por: Xetaria, Belas, Idanha, Bairro

(Continua na página seguinte)



Quinta da Assunção